

Preço de Corbusier desanimou Governo

Projeto Brasília: modernidade e história do professor Luís Carlos Lopes tem o mérito de investigar episódios desconhecidos da maioria da população. O convite feito a Le Corbusier — o arquiteto francês representante máximo do modernismo arquitetônico no mundo — para que assessorasse a Comissão do Marechal Pessoa, última a tratar do local de transferência da nova capital, é um destes fatos. Seus ensinamentos têm em Oscar Niemeyer e Lúcio Costa sua expressão principal no País, e, ele só não fez o trabalho porque as negociações foram suspensas quando apresentou o seu preço pelo serviço — à época US\$ 69 mil, Cr\$ 1,255 bilhões no câmbio paralelo de sexta-feira (dia 5). Ele só veio conhecer Brasília depois de inaugurada.

As negociações ocorreram entre maio e junho de 1955. O intermediário foi Hugo Gouthier, na ocasião embaixador do Brasil nos Estados Unidos. Na carta que escreveu em 24 de junho do mesmo ano, Le Corbusier sugeriu um contrato que oficializasse a sua estada no Brasil e remunerasse seus serviços. Na opinião que expressou no documento, o arquiteto afirmava que não queria estabelecer os planos arquitetônicos para a capital, mas demonstrava um interesse especial pela idéia da construção de um Plano Piloto. O Plano, para ele, seria a expressão geral e particular de todo o projeto, e um plano urbanístico prévio deveria ser feito por arquitetos brasileiros, recomendou.

Em dois de julho de 1955 a subcomissão de planejamento e urbanismo da Comissão Pessoa entregou seus planos para a construção de “Vera Cruz”, nome que deram à futura capital. “É interessante observar suas semelhanças com o projeto executado em Brasília”, assinala o professor.

Vera Cruz teria uma avenida monumental, com cinco quilômetros de extensão por 120 metros de largura. Nas suas margens haveria faixas verdes e edifícios de grande porte arquitetônico, o “Palácio do Congresso” seria construído no ponto mais elevado do sítio, numa das extremidades da avenida. Na outra estaria “uma praça central de circulação”, tendo ao centro o edifício do Pantheon Nacional. Haveria uma barragem e um lago artificial no rio Paranoá. As quadras seriam distribuídas entre funcionários do governo, embaixadas e outras entidades coletivas. Vera Cruz seria “uma cidade jardim”. (M.P.)